

# ELOGIO HISTÓRICO DE JÚLIO CASTRO CALDAS

*Pelo Dr. José Vera Jardim*

## **Em memória do Bastonário Júlio Castro Caldas**

Pede-me o meu Bastonário um testemunho sobre Júlio Castro Caldas.

Trata-se por um lado de tarefa simples, vividos que foram em comum mais de 40 anos que fundamentaram um conhecimento profundo e uma profunda amizade entre nós mas por outro lado, trata-se de uma tarefa muito penalizadora porque o Júlio nos deixou e, tal facto deixou-me também sem um amigo querido que faz parte de muitos anos da minha vida. Mas sinto o dever de o fazer. Poucos dos antigos ou actuais profissionais do foro, o poderiam fazer com melhor conhecimento da personalidade do Júlio.

Conhecia o Júlio, assim o tratarei neste depoimento como sempre o tratei, de ouvir falar do seu percurso universitário, designadamente da acção que desempenhou no movimento académico nos anos 60, já depois de eu ter saído da faculdade de direito de Lisboa.

Em 1969, juntamente com outros colegas fundámos uma sociedade a partir de um contrato social por nós elaborado, sendo certo não existir ainda nessa altura uma regulamentação das sociedades de advogados.

Tratava-se de uma sociedade muito peculiar e, porventura, exemplo único no meio da advocacia de então. Todos nós ganhávamos por igual e o que contava era o trabalho de cada um e não outros factores que vieram depois a modelar as sociedades de advogados.

Pouco tempo depois fui procurado pelo Júlio, já então com o seu estágio feito, e que pretendia trabalhar connosco. Foi o meu primeiro contacto pessoal com ele. E logo ali me causou uma muito boa impressão. Ouvidos

os meus sócios, o Jorge Santos e o Macedo e Cunha, então meus sócios na “Sociedade” decidimos aceitar a colaboração do Júlio. Penso que nenhum de nós, nem dos sócios que posteriormente vieram a fazer parte da sociedade, se arrependeu de tal decisão.

Trabalhávamos então num escritório situado na Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, por onde vieram a passar muitos outros advogados que a nós se juntaram.

Eu e o Júlio tínhamos muitas relações e amigos comuns o que resultou por exemplo, em termos sido ambos sócios fundadores da Sedes e a frequentar círculos sociais e políticos idênticos, designadamente em todos aqueles que se reclamavam de uma formação católica não-alinhada com o regime de então. A livraria Moraes, O Tempo e o modo, o António Alçada Baptista e muitos outros foram nossos amigos comuns e meios em que nos movíamos.

Depois, veio o 25 de abril e com ele a liberdade e uma mudança radical na sociedade portuguesa.

O Júlio que tinha uma relação muito próxima com o Francisco Sá Carneiro, ocupava uma parte do seu tempo em ser um colaborador muito próximo do Presidente do então PPD de que se tornou membro. Isto sem, de modo algum, deixar de prestar o seu valioso contributo para o trabalho no escritório a que sempre se dedicou de alma e coração, mostrando já aí a sua enorme capacidade de trabalho.

Pouco tempo depois juntaram-se a nós vários outros colegas, desde logo o Jorge Sampaio que tinha escritório na Rua Duque de Palmela mas que mostrou interesse em se juntar a nós. Assim nasceu uma nova sociedade constituída então, fundamentalmente, pelos três sócios que lhe deram o nome de “Jardim, Sampaio, Caldas e associados”.

Algum tempo depois e porque as instalações já eram exíguas para o número de colaboradores decidimos mudar para Avenida Duque D’Ávila onde se manteve a sociedade durante muitos anos.

Entretanto, o Júlio continuava a ser um elemento fundamental no trabalho e no nome que a sociedade angariou, sempre demonstrando a sua enorme capacidade de trabalho e dedicação.

O Júlio tinha um relacionamento excepcional com todos os que o procuravam, com os colegas, com os clientes e com os empregados ao nosso serviço. Era sempre o primeiro a iniciar o seu dia de trabalho e muitas vezes o último a regressar a casa. Para além disso o Júlio era dotado de uma característica essencial para caracterizar um bom advogado — a tenacidade. O Júlio nunca desistia, pelo contrário procurava sempre a solução para defender as teses que tinha como justas dos seus clientes. Estes tinham por ele uma estima inexcelsível, também construída pela sua

enorme afabilidade no trato com as pessoas baseada, aliás, numa educação de excelência que está bem à vista nos seus familiares.

E isso explica também por que razão o Júlio mereceu dos seus pares a confiança para exercer o cargo de bastonário por dois mandatos seguidos, situação que nessa altura era rara, tendo sido mesmo de minha lembrança o primeiro bastonário depois do 25 de abril a merecê-lo.

Anos depois, já no exercício desse cargo tive com ele um outro tipo de relacionamento, ocupando eu nessa altura o cargo de Ministro da Justiça o que proporcionou essa nova relação. O Júlio continuou a mostrar no exercício desse cargo essa mesma vontade tenaz na defesa dos interesses que lhe estavam confiados. Tal facto não afectou, de modo algum, a nossa profunda amizade. A defesa desses interesses como daqueles dos seus clientes nunca prejudicou o seu modo de relacionamento de grande educação e afetividade que caracterizava as suas relações pessoais. Sei que foi para ele um sacrifício a candidatura e o exercício do segundo mandato mas não hesitou, por pensar que estaria em melhor posição que outros para defender os interesses da classe e, sobretudo da administração da justiça.

O Júlio foi um homem de grande qualidade. O seu desaparecimento significou para mim e certamente para muitos outros e, tantos eram os que a ele estavam ligados por laços de profunda amizade, uma falta insubstituível.

Embora nos últimos anos de atividade o Júlio se tivesse afastado do escritório, isso não abalou o nosso relacionamento nem a grande admiração que sempre tive pelo homem bom, inteligente, afetivo que ele foi.

Logo que soube do seu gravíssimo estado de saúde apressei-me a visitá-lo; já cheguei tarde; estive com ele mas ele já não estava comigo.

E aí, pensei que uma das coisas boas que a vida me deu, foi poder ter um conjunto de amigos quer no trabalho, quer na vida pública, quer nas relações privadas que tanto me ajudaram a vencer as adversidades da vida e a formar a minha personalidade.

O Júlio foi um deles. Agora perdi-o como já perdi tantos outros. É o preço que temos de pagar quando a vida é longa e se vão perdendo não as nossas referências mas as nossas ligações afetivas.

Deixo aqui uma palavra de saudade muito comovida e o testemunho bem claro de que o Júlio foi uma pessoa de excepção.

Que todos os que hoje continuam a lutar pelo Direito e pela Justiça possam seguir o seu exemplo de vida.

*Lisboa 15 de Maio de 2022*

JOSÉ VERA JARDIM